

## Dom Casmurro

A obra mais conhecida do autor mais conhecido do Brasil, temos aqui uma prosa que corre fácil e equilibrada, mesmo para o universo machadiano cheio de vaís e voltas onde a linha do tempo pertence ao narrador. Bentinho começa grande querendo voltar ao pequeno, quando já em idade adulta rememora a infância em Matacavalos, construindo uma casa em réplica àquela, com disposição de móveis, louças e também (e sobretudo!) as pinturas nas quatro paredes da sala: Nero, Augusto, Massinissa e “*tu, grade César*”; reis estáticos que aconselharam o narrador a desistir de escrever a *História dos Subúrbios* e se lançar a um tomo que dependesse não de documentos e registros em cartório, mas apenas das próprias lembranças de Dom Casmurro.

Devo eu ter pegado mania de Machado pois comecei pelo capítulo II (Do livro) e agora falo do I (Do título). Neste o autor, ou melhor, o narrador, nos conta o porquê do título e da alcunha: Dom Casmurro. O próprio já nos adianta *não consultar o dicionário* porque casmurro não está lá, o significado é um sentido, um remeter a *homem calado e metido consigo*. Temos aqui nessa obra mais uma história em que o autor principal não é um homem de família, mas alguém que quer família, porém começa sozinho, como também começou sozinho nosso Rubião (Quincas Borba) que era irmão de fulana e ex-professor; Helena (do romance que leva seu nome) que começa órfã mas tinha uma vida em busca do pai biológico; Brás Cubas (Memórias Póstumas de Brás Cubas) que -- esse daí não tinha nada mesmo -- começa morto. Nesses e em tantos outros livros do romancista brasileiro temos o retrato, com alegria melancólica, da busca do homem por sentido em sua própria vida, e às vezes na do próximo como o fez Simão Bacamarte (O Alienista).

Depois de entender o porquê do título e do livro, passamos ao pontapé do enredo, a denúncia do namoro entre o filho de Dona Glória e a filha do Tartaruga. Bentinho e Capitu já abrem a história sendo desmascarados pelo agregado da família, o José Dias. O objetivo do agregado é entrar Bentinho ao Seminário e não temos aqui apenas um desejo mas um interesse, e interesse próprio move esse homem que ao longo da obra força a mão para passar de coadjuvante para a primeira fileira com suas jogadas de investimento a longo prazo. “Bentinho há de satisfazer os desejos de sua mãe. *“E depois que a igreja brasileira tem altos destinos. Não esqueçamos que um bispo presidiu a Constituinte e que o padre Feijó governou o império...”*”<sup>1</sup>. Todas as suas jogadas beneficiam o alvo e trazem, por detrás do bem-querer, um ganho que lhe é próprio, como quando mais à frente da obra José Dias quer Bentinho indo ao exterior, e levando-o junto, óbvio. Esse descortinar da trama se dá diante do leitor e diante do próprio Bentinho, nosso personagem-narrador que escondido no corredor escuta o diálogo todo sem ser percebido. Temos assim uma história narrada do futuro para o passado, e mesmo no passado o personagem principal já sabia dos ocultos. O livro vem de um onisciente.

José Dias, Tio Cosme e Dona Glória tem capítulos próprios. A apresentação no estilo Machado de Assis, que constrói o personagem e o apresenta numa primeira cena exercendo sua personalidade para se mostrar ao leitor, e depois vem descrito no esmiuçar no narrador como que confirmando (e afirmando) a impressão do leitor. José Dias é aquele que já foi descrito aqui; Tio Cosme era um advogado criminalista -- gordo e pesado nas palavras características de um moleque de 15 anos como Bentinho -- muito bom nas sustentações orais que tanto impressionavam o José Dias; e Dona Glória, dona Glória Fernandes Santiago *era boa criatura*. Assim resume o narrador as características da mãe que chora só de pensar que o filho vai para

---

<sup>1</sup> A primeira Assembleia Constituinte do Brasil foi presidida pelo Bispo Capelão-Mor, José Caetano da Silva Coutinho (1823). De origem portuguesa, José Caetano foi deputado geral e senador de 1826 a 1833. Já Diogo Antônio Feijó, conhecido como Padre Feijó foi um sacerdote católico que também teve carreira de estado, entrando para a História do Brasil como um dos grandes liberais que fundaram o Partido Liberal.

o Seminário, e que entra em pânico em ver o filho ser posto em um cavalo pelo Tio Cosme. Protetora, essa é a mãe de Bentinho e a nossa também.

Agora sim, é tempo... depois de apresentar o enredo e colocar os personagens em cena, o narrador começa a história pra valer: *“tudo o que sucedera antes foi como o pintar e vestir das pessoas que tinham de entrar em cena, o acender das luzes, o preparo das rabecas, a sinfonia...”*. Não há como não concordar com a maioria dos leitores em todo o mundo, Dom Casmurro é genial.

O início da obra é como que um idílio, um poema pois as letras traduzem o significado e a ordem da vida pelo olhar de crianças. A análise seca com relação aos outros, “já não tinha voz” quando fala sobre o tenor; o comportamento diante das situações inusitadas, “dê cá!” quando Bentinho não resiste às cocadas enquanto Capitu perde a fome pensando num plano para evitar o Seminário; o temor sem medo de Deus, “era preciso uma soma que pagasse os atrasados todos” ao fazer votos nunca cumpridos... tudo no primeiro terço do livro é pura meninice, e no capítulo L, exatamente no fim do primeiro terço do volume, Bentinho vai para o Seminário e começamos a ver uma segunda parte de nosso personagem, uma “segunda edição” de Bentinho pra usar a teoria das edições humanas citada no Brás Cubas<sup>2</sup>.

Nesse primeiro terço poético, Machado de Assis traz um capítulo ímpar que imprime sua prosa nessa tão conhecida obra. O capítulo XIV é um verso de destaque nesse um terço de poema:

*Voltei-me para ela; Capitu tinha os olhos no chão. Ergueu-os logo, devagar,  
e ficamos a olhar um para o outro... Confissão de crianças, tu valias bem  
duas ou três páginas, mas quero ser poupado. Em verdade, não falamos  
nada; o muro falou por nós. Não nos movemos, as mãos é que se estenderam  
pouco a pouco, todas quatro, pegando-se, apertando-se, fundindo-se. Não  
marquei a hora exata daquele gesto. Devia tê-la marcado; sinto a falta de  
uma nota escrita naquela mesma noite, e que eu poria aqui com os erros de  
ortografia que trouxesse, mas não traria nenhum, tal era a diferença entre o  
estudante e o adolescente. Conhecia as regras do escrever, sem suspeitar as  
do amar; tinha orgias de latim e era virgem de mulheres.*

*Não soltamos as mãos, nem elas se deixaram cair de cansadas ou de  
esquecidas. Os olhos fitavam-se e desfitavam-se, e depois de vagarem ao  
perto, tornavam a meter-se uns pelos outros... Padre futuro, estava assim  
diante dela como de um altar, sendo uma das faces a Epístola e a outra o  
Evangelho. A boca podia ser o cálice, os lábios a patena. Faltava dizer a  
missa nova, por um latim que ninguém aprende, e é a língua católica dos  
homens. Não me tenhas por sacrílego, leitora minha devota; a limpeza da  
intenção lava o que puder haver menos curial no estilo. Estávamos ali com o  
céu em nós. As mãos, unindo os nervos, faziam das duas criaturas uma só,  
mas uma só criatura seráfica. Os olhos continuaram a dizer coisas infinitas,  
as palavras de boca é que nem tentavam sair, tornavam ao coração caladas  
como vinham...*

---

<sup>2</sup> A Teoria das Edições Humanas é citada por Brás Cubas, no romance que leva seu nome, quando o personagem principal descreve a jovem Virgília ao leitor já tendo-a descrito na abertura do livro, senhora. *“Deixa lá dizer Pascal que o homem é um caniço pensante. Não; é uma errata pensante, isso sim. Cada estação da vida é uma edição, que corrige a anterior, e que será corrigida também, até a edição definitiva, que o editor dá de graça aos vermes”*. – Brás Cubas, cap. XXVII. A análise detalhada dessa passagem consta na “aula 6” da Escola de Conservadorismo.

“Ceticismo e malícia muito intensas” é a definição de Carpeaux<sup>3</sup> sobre a obra de Machado de Assis, o crítico literário observa que se o início da obra de nosso romancista é marcado pela poesia inglesa, com forte influência de Swift e Sterne, sua transição do romantismo para o naturalismo se dá por absorção das leituras de Schopenhauer<sup>4</sup> que “fortaleceram-lhe a visão negra e quase demoníaca dos homens e das coisas”. E tudo isso pode-se perceber facilmente lendo obras como Ressurreição e Helena, tão idealistas, e chegando a Esaú e Jacó, já tão crítica. A marca, porém, que o autor mantém em todo o seu trabalho é a prosa comovente, que faz a leitora chorar mas com um sorriso no rosto. Essa prosa tem seus momentos de sublimação, onde sente-se a tinta do romancista sair do papel e agradar, como em incenso, as narinas do leitor-deus. É o que se passa ao ler o trecho acima destacado.

Pouco adiante, no cap. XVII, temos uma exposição filosófica como aquelas encontradas aos montes no Memórias Póstumas, vindas da mente fértil do Brás e do Quincas, que não se intimidam ante o lançamento de uma ruptura para com o senso comum ou em lançar novas teorias sociais, como a Teoria das Edições Humanas já aqui citada. Aqui a exposição vem com “Ele fere e cura! Quando, mais tarde, vim a saber que a lança de Aquiles também curou uma ferida que fez, tive tais ou quais veleidades de escrever uma dissertação a este propósito”. Temos aqui Machado de Assis, leitor de Schopenhauer e La Rochefoucauld, tentando encontrar “a origem comum do oráculo pagão e do pensamento israelita”, e qual seria essa origem?

Na obra Escatologia, de Joseph Ratzinger, encontramos no capítulo “Morte e imortalidade: a dimensão individual do escatológico” o seguinte trecho:

*O que realmente importa é a experiência de que a vida em comunhão com Deus está para além da morte. É o fato de que essa ideia, surgida da paixão da fé, encontra um íntimo paralelo na experiência – transmitida por Platão – de Sócrates, que morre pela justiça, e que esse paralelismo foi aquilo que propriamente uniu o pensamento bíblico e a Filosofia platônica, tornando assim possível o encontro dessas tradições.<sup>5</sup>*

Eis a origem comum buscada por Bento: a Justiça. Tanto Homero quanto Moisés batalhavam em busca do Ideal, na Grécia buscado na vida em sociedade e no caminho à Terra Prometida buscado na Rocha.

### O mistério do feminino na obra de Machado de Assis

Se nos romancistas russos é o homem quem sofre por amor ao mesmo tempo em que compõe a trama, em Machado de Assis são as personagens femininas que padecem (às vezes, morrem como em Helena) e tentam mover a trama vindo da segunda fileira para a linha de frente através dos atos dos personagens masculinos. Essa característica da obra do nosso romancista mulato o leva a enriquecer de definições nossas personagens, como é feito com Sofia, mulher adorada por sua beleza e adjetivada do início ao fim do Quincas Borba; e o mesmo acontece também (e com ainda maior alcance de público) com Capitu. Se em Esaú e Jacó, é o Conselheiro Aires

---

<sup>3</sup> Otto Maria Carpeaux (1900-78), crítico literário, ensaísta, poliglota... Carpeaux foi o compêndio da história da literatura consultado por grande parte de todos os que *buscavam saber* na segunda metade do séc. XX no Brasil. Sua *História da Literatura Ocidental* é obra vital para todo estudante de literatura que deseja conhecer as influências, as cenas políticas e a força motriz de cada autor, da filosofia grega à literatura moderna. As observações do crítico austríaco (naturalizado brasileiro) sobre Machado de Assis se encontram no livro “O Realismo, o Naturalismo e o Parnasianismo” que compõe a História da Literatura aqui citada.

<sup>4</sup> Arthur Schopenhauer (1788-1860) foi um filósofo alemão, mundialmente conhecido por sua rabugice e leitura pessimista da vida, colocando o amor como meta de vida porém separado do conceito de felicidade. A obra “O Mundo como Vontade e Representação” é sua mais conhecida produção literária.

<sup>5</sup> RATZINGER. J. *Escatologia -- Morte e vida eterna*. Editora Molokai. São Paulo, 2020, p. 115.

quem “explica” Flora como a *indefinível*, aqui em Dom Casmurro é o José Dias quem destrincha a filha dos Pádua (cap. XXV):

*A gente Pádua não é de todo má. Capitu, apesar daqueles olhos que o diabo lhe deu... Você já reparou nos olhos dela? São assim de cigana oblíqua e dissimulada.*

Essa definição encontrada na parte inocente do romance é a que persegue todos os atos da moça e martela, no leitor, o subconsciente em todas as páginas até o fim. Não por outro motivo temos a maior polêmica (boba) do romance em saber se “Capitu traiu Bentinho?”. Quanto mais tempo você gastar, pesquisando monografias e defesas de mestrado na internet, mais encontrará leituras idiotas sobre a obra do nosso autor, todas elas dignas de um estudante de ensino médio que ao ler um Dom Casmurro não consegue entender sequer o significado de “de cigana oblíqua e dissimulada”.

O povo cigano no Brasil é descendente de espanhóis e portugueses; as mulheres ciganas muito sensuais em tudo o que fazem, como se vestem, falam e se maquiagem... entraram para o imaginário popular como a representação expressa da malícia e da sedução. Quando José Dias, o personagem esperto que vive de favor e ainda consegue ser amado por todos, quando logo esse personagem vê em Capitu a capacidade de enganar, temos o dito que se tornou popular por Clodovil Hernandez: “boi preto conhece boi preto”<sup>6</sup> se fazendo lei também aqui. Capitu, ainda aos 14 anos (cap. XVIII) ao saber que Bentinho iria para o Seminário, não apenas recebe a notícia com frieza como também administra a raiva, compondo um plano elaborado e inteligente, esse plano a liga a José Dias, mostrando que o muro que separava o casal de adolescentes não separava as personalidades avançadas da jovem Capitolina e do agregado de Bentinho. Capitu é esperta e engana a todos, desde o pai que chega à porta da casa e é desviado de ver o que a filha escreveu no muro até o próprio Bentinho, quando logo depois de casada inventa a moça de ir ver os pais quando, tudo o que queria, era aparecer diante da sociedade para que todos exclamassem “É uma mocetona!”

O último terço do livro (volto depois ao segundo terço) começa com o casamento de Bentinho e Capitu. No capítulo CI lê-se “Pois sejamos felizes de uma vez, antes que o leitor pegue em si, morto de esperar, e vá espremer a outra parte”. Temos aqui o desenlace do suspense amoroso que nos traz por mais de duzentas páginas findando em enlace sob as bênçãos da primeira epístola de Pedro “As mulheres sejam sujeitas a seus maridos... Não seja o adorno delas o enfeite dos cabelos riçados ou as rendas de ouro, mas o homem que está escondido no coração”. Machado inicia o fim dessa obra com o tipo de relacionamento que permeia toda a sua obra de dezenas de contos, romances e poemas: a vaidade nos relacionamentos humanos. Bentinho, homem ciumento; e Capitu, mulher oblíqua<sup>7</sup>. Por seguidos capítulos o narrador ainda que com respeito à honra da personagem, mostra que suas desconfianças para com a jovem esposa não eram frutos de seus ciúmes. Escobar já havia traído a esposa (“Em tempo ouvi falar de uma aventura do marido, negócio de teatro, não sei que atriz ou bailarina”); Capitu recebia Escobar em casa quando Bentinho não estava, e isso só foi descoberto por um acidente astronômico, quando Bento falava sobre Marte e Capitu não lhe prestava atenção, acaba então sendo prensada à parede e confessa uma história de que Escobar havia lhe visitado e entregue dez libras fruto de uma economia secreta que ela fazia longe dos olhos do esposo (Cap. CVI); outra

---

<sup>6</sup> Clodovil Hernandez foi um ator brasileiro assumidamente homossexual que ficou famoso por não se conformar ao politicamente correto, suas opiniões ácidas o levaram a ser bem quisto por toda a sociedade brasileira, que concedeu a ele a cadeira de representante do estado de São Paulo na Câmara dos Deputados, em Brasília, exercendo o cargo de Deputado Federal pelo PTC. A frase “boi preto conhece boi preto” era dita por Clodovil sempre que ele anunciava que determinado homem visto como heterossexual era, na verdade, homossexual. E essa convicção ele tinha pois “boi preto conhece boi preto”.

<sup>7</sup> Oblíquo: adj. fig. *Que disfarça os sentimentos; dissimulado*. Dicionário Houaiss.

cena semelhante é quando Capitu diz que está doente e insiste para Bento ir ao teatro sozinho, ele vai mas ao fim do primeiro ato desiste da peça e volta para casa, dá de cara com o amigo (“Encontrei Escobar à porta do corredor”) e ao entrar em casa encontra Capitu não prostada, mas arrumada e já boa (Cap CXIII); o pequeno Ezequiel, filho de Bento e Capitu apesar de gostar de imitar o jeito dos outros, trazia naturalmente os pés e os olhos de Escobar (Cap. CXII); era também o pequeno de personalidade agressiva, diferente de Bento e Capitu (“Não sai a nós, que gostamos da paz”, cap. CXII) e semelhante à Escobar (“É preciso nadar bem, como eu, e ter estes pulmões – disse ele batendo no peito, e estes braços; apalpa”, Cap. CXVIII); e por fim tudo indica que Bentinho era estéril, como deixa a entender o diálogo entre Bento e Escobar no Cap. CIV.

Toda essa trama segue uma lógica toda machadiana de enredar os personagens de seus romances, segue também a análise de Carpeaux (referida acima) de um autor que sai do romantismo que lhe inicia a carreira literária para o naturalismo que a finda, falando sobre o amor aos tropicões com a felicidade, marca da filosofia schopenhaueriana.

Por último, nesse ponto que nunca é estudado nos TCCs e análises literárias de nossa intelligentsia -- que agora deu pra chamar Machado de Assis de racista<sup>8</sup> -- é sempre preciso lembrar que uma obra ficcional não pode ser vista como retratando algo que não tenha sido expressamente registrado. Questionar se Capitu traiu Bentinho sendo que isso não está escrito, é tarefa levada à exaustão pelo leitor idiota acostumado a xingar atrizes nas ruas do Rio de Janeiro pelo comportamento das personagens que encenam nas novelas das 6. O leitor brasileiro não sabe o que é ficção, tenta encontrar fora do papel o que lá não está, tenta trazer ao mundo real o que pertence ao mundo da fantasia. Dom Casmurro não importa quanto à Bentinho e Capitu, mas sim quanto a mim e a você, leitor que é tocado (ou não) pela filosofia que nos é própria ao ter a grandeza de se deixar engrandecer pela prosa de nosso maior romancista. Ler Machado de Assis é ter a oportunidade de se confrontar com o potencial humano de se alegrar e mesmo se desgraçar com o que é belo. E aqui temos Bento, que chegando ao fim do livro tendo conquistado tudo o que sempre quis, a saber os braços de dona Capitolina (que “merecem um período” -- Cap. CV), arde em ciúmes e perde o amigo, a esposa, o convívio com o filho e quase perde-se a si mesmo chegando a comprar o veneno com que não ousara matar os cães da rua mas agora colocava-se a dar cabo à própria vida. “O meu plano foi esperar o café, dissolver nele a droga e ingeri-la... quando ia beber, cogitei se não seria melhor esperar que Capitu e o filho saíssem para a missa... Ouvi a voz de Ezequiel no corredor, vi-o entrar e correr a mim bradando: papai! Papai!... fez-me recuar até dar de costas na estante” (Cap. CXXXVI). Bento é salvo pelo Filho do Homem<sup>9</sup>.

O fim de Dom Casmurro é triste, apenas com pitadas de alívio ao narrar a viagem de Bento, Capitolina e Ezequiel à Europa, de onde Bento volta sozinho e não mais vai ao encontro da esposa. Anos depois recebe a visita do filho em casa, a mesma casa que abre o romance, e ouve do filho a narração dos últimos dias de Capitu, que morre na Europa longe de ambos. Em seguida a separação, agora definitiva, entre Bento e Ezequiel, que volta à Europa e é afligido pela febre tifóide, morre e é enterrado nas imediações de Jerusalém. No túmulo do Filho do Homem, Machado retorna com o *fazer pensar* ao leitor gravando na lápide do filho de Capitu o texto “Tu eras perfeito nos teus caminhos, desde o dia da tua criação”. Ora, se Ezequiel era perfeito desde o dia de sua criação, seria ele fruto de um adultério?

---

<sup>8</sup> <https://www.esquerdadiario.com.br/Machado-de-Assis-e-o-racismo-no-Brasil>.

<sup>9</sup> Filho do Homem é a expressão utilizada por José Dias para chamar Ezequiel, num trocadilho proposital do personagem para com o profeta Ezequiel que, na Bíblia Sagrada, prefigura o Messias e é chamado por mais de 90 vezes de Ben Adam (Filho do Homem) pelo próprio YHWH, como em Ezequiel 2:1.



Fica a dúvida da ficção. Ficam os ensinamentos que só a ficção nos pode dar, trazendo à nossa existência aquilo que nunca existiu em nenhuma outra, com o único intuito de nos proporcionar o fruto único da arte: a elevação do espírito humano.

Fernando Melo

Aula ministrada na Escola de Conservadorismo no dia 27 de fevereiro de 2021.